

Archivo Contemporaneo

ILLUSTRADO

Redactor-Chefe

CASTRO SOROMENHO

Revista Quinzenal

Secretario da redacção

JULIO BARJONA

PROPRIETARIO E EDITOR RESPONSÁVEL: CASTRO SOROMENHO

R

2823
52

Publica biographias, retratos, illustrações, chronicas, poesias, romances, contos, charadas, coisas do sport, criticas mundanas, informações de toda a ordem, receitas, artigos politicos, annuncios, reclames, estatisticas de estabelecimentos commerciaes, industriaes e agricolas, communicados, anedoctas, pilherias, logographos, chronicas sobre todos os theatros, sciencias, litteratura e artes, etc., etc.

Côrte: Redacção e administração RUA DO CARMO, 65.

BIOGRAPHIA

Sua Alteza o Principe D. PEDRO

O *Archivo Contemporaneo Illustrado* se orgulha de poder prestar hoje uma simples mas sincera homenagem a S. Alteza o Principe D. Pedro, inserindo na sua honrosa galeria o seu retrato.

Fiel ou não, dá contado uma idéa do sympathico vulto de S. A., um dos mais dignos representantes da casa de Bragança.

Longo de nós está a meta de fazer uma biographia da curta vida do joven principe.

A difficuldade de obter notas, a simplicidade dos actos de S. Alteza, nada fôto em colleccionar dados, a reticencia do seu caracter modesto e varonil e o pequeno espaço de tempo de que dispunhamos para colher as informações precisas, impedem-nos de aqui traçar brilhantemente a sua vida.

Mas S. A. o Principe D. Pedro não necessita das nossas apreciações e dos nossos elogios tão sinceros quanto merecedores para se tornar popular e querido do povo brasileiro que já o respeita, apesar da sua juventude, e o acata como auctoridade nas letras que cultiva com esmero e nas sciencias que se aprofunda como mestre.

Rapaz extremamente sympathico, dotado de bellissimas qualidades que exornam seu caracter e sua dignidade, o joven principe, apreciado e considerado pela communho brasileira, ligou a sua vida factos que o ennobrecem e que o tornam captivo de todos que se lhe acercam.

Para dar uma pallida idéa do quanto S. A. o Principe D. Pedro tem sido admirado como auctoridade em materia scientifica, basta salientar as recepções honrosas e brillantissimas que teve nas principaes Academias de Sciencias da velha Europa, onde, secundado pelo seu invejavel talento e pelo seu reconhecido merito, fez cabedal importante e valioso de estudos da nossa mineralogia, adquiridos

pela experiencia, educação e perseverança.

Ainda ultimamente, para prova do que asseverar, S. A. publicou varios livros sobre esse assumpto e outros, destacando-se sem contestação o seguinte — *Breves considerações sobre mineralogia, geologia e industria mineira do Brasil*, trabalho que mereceu as mais enthueticas referencias dos mestres-sabios e que revela o quanto S. A. se tem dedicado aos estudos de sciencias naturaes.

versação agradável, confunde a todos com a sua amabilidade e se torna, *de primo visu*, sympathico.

Nos salões e o mais aprimorado aristocrata; no palacio o principe da mais requintada eminencia, em publico o mais perfeito cavalheiro e o mais modesto cidadão.

Admiramo-lo extraordinariamente e é do coração, cheios de jubilo e orgulho, que dizemos — *à tout seigneur, tout honneur* — ser sua S. A. D. Pedro — o verdadeiro principe por excellencia.

Perdoar-nos-ha, de certo, estas ligeiras linhas quem tem um coração tão generoso e uma alma tão elevada como o joven principe que hoje abrilhanta o pantheon biographico do *Archivo Contemporaneo Illustrado*.

CASTRO SOROMENHO.

BARÃO DO GUAHY

(Quadra-50)

No numero passado não tivemos o prazer de completar os dados da biographia de S. Ex. o Sr. Barão de Guahy e de salientar alguns actos da sua vida privada, e que devem vir á luz por encerrarem em si o maior rasgo de generosidade e da alta nobreza que o caracteriza.

Não ha muito tempo, e isto ainda perdura na memoria de todos, o nosso Museu Nacional enriqueceu a sua esplendida colleção com a acquisição do grande meteorito que cahiu nos sertões da Bahia. Superando difficuldades de alta monta, lutando com enormes obstaculos e á força de pesados sacrificios, S. Ex. o Sr. Barão de Guahy conseguiu que esse meteorito fosse transportado para aqui, dependendo quantia superior a 30.000\$000.

Esse acto que, por si só da idéa do quanto S. Ex. é generoso, foi commentado pela nossa imprensa em referencias muito agradaveis, e demonstra á evidencia o serviço que o nobre Barão prestou ao Museu, enriquecendo-o com essa preciosidade.



SUA ALTEZA O PRINCIPE D. PEDRO

Particularmente, S. A. D. Pedro de Saxe Coburgo Gotta sabe ser principe; cavalheiro da mais alta distincção, de tracto llano e con-

Não está só ahí a generosidade de S. Ex. Não ha estabelecimento pio ou de instrução da Bahia e mesmo da Córta, que não tenha nas suas paginas de gloria o nome do Sr. Barão de Guaby, como seu benefactor e desvelado protector, donativos feitas muito á socapa, lá estão, contudo, assignalados.

A pobreza tem sempre encontrado no Barão de Guaby agasalho.

Evidencia tambem o seu alto cavalheirismo e o seu fino gosto o *picnic* que não ha muitos mezes deu aos seus numerosos amigos, que o haviam distinguido com demonstrações de estima e consideração.

Destas, destaca-se a que deu o commercio do Rio de Janeiro, ofertando-lhe um rico album onde foram inscriptas perto de 5000 assignaturas.

E S. Ex. sabe ser amigo de seus amigos; é corrente o seu procedimento para com a familia do finado Barão de Cotegipe, para quem S. Ex. soube ser o mais correcto dos cavalheiros e o mais leal dos seus admiradores.

Dizer o que está exposto n'estas pequenas linhas, não é mais do que cumprir um dever e render preito aquelles que por suas acções e por seus meritos legam á patria um nome honrado e immorredouro.

CASTRO SOROMENHO

CHRONICA



Em continencia ás instituições juradas, apresentar — armas!

Tal, na morna pacatez d'esta cidade, troou a voz bellicosa do terrível Sr. Silva Porto, commandante do 15º batalhão da invicta Guarda Nacional.

De pé, gloriosa, reorganizada

desde o penacho até a espada, desde o general até o cabo de esquadra, — avida de novas batalhas, sedenta de sangue, anciosa per victorias retumbantes, a Guarda Nacional, que é qualquer coisa assim como exercito da Grande Duqueza de Gerolstein, surge ao sol para garantir a integridade da patria e a paz das instituições juradas. Da cornucopia de ouro do Poder cahem sobre fazendeiros e burguezes inoffensivos patentes e mais patentes, dragõas e talins, divisas e charlatarias. Um mesmo furor guerreiro inflamma todas as almas, e parece que a Patria, cercada de tantos defensores, nunca dormiu mais segura e inabalavel no seio de seus filhos.

Mas, ó desillusão! ó desgraça! — dentro em breve, quando o Sr. do Rio Apa, com-

mandante superior das phalanges civicas, tentar, para deslambiar as duas Americas, correr em revista as suas tropas, ver-se-ha general de um exercito de generaes Em linha, na fulguração das fardas novas, entre o clangor dos clarins e o rufo dos tambores, sob as bandeiras triunphantemente desdobradas, S. Ex. verá sómente insignias de commando, gordos capitães de barriga descommunal, calvos majores, tenentes de pés cambados, sargentos atormentados de jeanetes, — e nem um soldado.

E, como toda aquella gente tem familia a sustentar, capitães a gerir e callos a cortar, a Patria pode limpar as mãos á parede com os seus novos defensores.

E esta velharia resuscitada leva naturalmente o chronista a fallar de uma outra velharia — a festa da Gloria.

Todas as nossas avés sentiam bater n'esse dia 15 de Agosto os corações encarrilhados debaixo do chale. Apromptavam-se á pressa os vestidos novos, encomendavam-se as promessas de obra feitas á boa Nossa Senhora do Outeiro, e, logo de manhã, abalava toda a familia, devotamente, sorrindo ao sol de Agosto, — porque nunca se pôde comprehender a festa da Gloria sem sol.

Comprehendem-se este anno — sem sol, e com chuva. Uma chuvinha miuda, insupportavel, tediosa, como esta partitura da *Gran-Via*, que uma orchestra implacavel leva todo o dia a esmoer, aqui no café visinho. E fazia pena ver sob a poeira liquida que peneirava aquelle céu de chumbo, algumas devotas renitentes, affrontando tudo, patinando na lama pegajosa, por amor da sua amada Padroeira. Decididamente, retirarei á Nossa Senhora da Gloria toda a minha admiração, se ella não se mostrar agradecida a tanto devotamento, dando mais cem annos de vida a cada uma d'aquellas respeitaveis matronas. . Ache que é um bom meio de provar gratidão.

Mas o que é positivamente um bom meio é este *Meio* sciutilante, do Ney e do Mallet. Apareceu de repente, abrindo na rua do Ouvidor um largo sulco de luz, — vibrante e inquieto, dando palmadinhas nas rotas na barriga da gente, dirigindo amabilidades ás damas, e vociferando contra tudo o que é pulha. Os filhos sabem aos paes: e é por isso que *O Meio*, ao mesmo tempo atrevido e gentil, tem ao mesmo tempo a gravata vermelha do Mallet e os sapatinhos de entrada baixa do Ney.

Viverá? Ninguém o sabe. Viveria de certo, se para que uma publicação vivesse lhe fosse bastante ter espirito e independencia. Mas tiveram-n'os tambem, *A Rua*, *A Vida Moderna*, *A Semana*, e — morreram.

Esparemos, contudo, que o publico fluminense que corre em massa para as corri-

das, não deixe de se submeter ao regimen de Hygiene Moral que lhe quorem propinar estes dois adoraveis rapazes. Porque, se o publico fugir d'*O Meio*, então será digno da mais solemne descompostura possivel.

O' diabo! já eu me ia excedendo... Não, publico da minh'alma, não, mil vezes não! podes matar *O Meio*, podes matar tudo... contanto que não nos mates a nós!... Viva *O Archivo*, e viva o publico!

Ah! pensavam então o Ney e o Mallet que haviam de apañhar assim um reclamante, sem mais nem menos?

Que enxame de candidatos! De cada canto surge, como um cogumello, um pae da patria em perspectiva. Todos os olhos se voltam com avida para esse dia 31, que ha de trazer no seu bojo um milhão de desesperos e de desillusões.

E, ouvem os senhores? nunca pude comprehender esta soffreguidão dos candidatos. Compreendo, por exemplo, que se façam grandes esforços para tirar a sorte grande, para gosar das sympathias do *Archivo Contemporaneo Illustrado*, para receber um olhar de mulher bonita, para conseguir e legião de honra, para assassinar todos os credores. . Mas, para ser deputado! . . .

Sabem os senhores o que é ser deputado? E' isto: acorlar de manhã estremunhado, abrir a correspondencia e ler quarenta cartas: vinte anonymas, de descompostura, e vinte de massantes, pedindo emprego: ler vinte jornaes: dois sympathicos, cheios de uma loucaminha futil, e dezoito antipathicos, onde a gente é chamada de besta para baixo. Depois, almoçar ás carreiras, ir para a camara esguelar-se, descompôr e ser descomposto, aturar mais cincoenta pretensões, supportar mais duzentos importunos, jantar agoniado, dormir agitado, e, no fim de toda essa vida infernal, não ser reeleito, não ser chamado para o ministerio, o retirar-se á vida privada, tendo ganho isto: a ingratiidão da patria e uma dyspepsia.

Vamos lá, vale a pena?

E nem vale a pena, tambem, recorrer á justiça n'um caso de affronta ao pudor. Ah! está o caso do padre Gallo.

Esse padre Gallo, um patifo do corda que está mesmo pedindo uma boa roda de pau, desgraça uma pobre menor. E' preso. Manda a policia fazer o corpo de delicto: e a desgraçada menina, que a luxuria de um D. Juan tonsurado riscou para sempre do numero das mulheres puras, tem de ver de novo o seu pulo esfarrapado pela curiosidade da sciencia official. E a sciencia recolhe-se, discute, diverge. Manda a policia fazer segundo exame: outra vez, despida e envergonhada, sofre a victima no seu pudor. Nova discussão, nova divergencia, e — pensam que bastou? — terceiro exame, terceira vergonha, terceiro sacrificio.

É querer remediar uma canellada com outra canellada. Adoravel.

E como a chronica principiou como uma voz de — apresentar armas — deve outra fechal a tambem.

Formar fileiras, minhas senhoras! poetas, formar fileiras! A primavera ahi vem... Passadas as ultimas chuvas, batidas as ultimas nuvens de inverno, ella virá cantando, ao collo carinhoso de setembro, coroadada de rosas, sacudindo o pandeiro barulhento...

Ao campo! á alegria!

Pois não sentem que ella não tarda? Tenho aqui sobre a meza o seu primeiro mensageiro: um livro de versos, dedicado á mulher. Chama-se *Sanctuarios* e é assignado por José de Moraes Silva, um poeta de cabellos brancos e alma de fogo. Livro candido que as mãos e as noivas devem ler: a mulher perfuma todas estas 200 paginas, da primeira á ultima — virgem, sorrindo ao noivo, esposa animando o esposo, mãe delirando pelo filho. E é, de principio a fim, uma torrente de flores e de lagrymas, de cujo seio, n'um turbilhão de notas de ouro, se levanta um grande hymno sagrado, um largo *Te-Deum* solemne, glorificando a — Mulher.

É um arauto da primavera — este bello volume dos *Sanctuarios*. Traz um bocado do seu perfume e do seu brilho, para nos ir habituando pouco a pouco ao seu brilho e ao seu perfume. Faz conosco a primavera o que se faz com os operados de cataracta: uma restea de luz primeiro, a luz fraca de uma vela, uma cortina entre-aberta, antes que se abram do par em par todas as janellas e a claridade se precipite no quarto, risosinha e deslumbradora...

E já que ella não tarda, eu — commandante das mulheres e dos poetas, Silva Porto das rosas e dos lyrios — faço solememente a minha ordem do dia:

— Formar fileiras, minhas senhoras! poetas, formar fileiras! E, em continencia á primavera que chega, apresentar... flores e versos!

L. FLANRIO.

BIBLIOGRAPHIA

O Meio

A ultima novidade litteraria deste mez é *O Meio*, publicação hebdomadaria que é abrilhantada com as pennas do Paula Ney, Coelho Netto e Parial Mallet.

Estes tres nomes que são o de tres joias litterarias, representam a personificação do espirito, da critica e do estylo.

Todos elles são bastante conhecidos da nossa imprensa.

Paula Ney é o bohemio litterario da mais espirito que conhecemos.

Coelho Netto, primoroso contista da actualidade, deixou-me saudades com a sua retirada d'*O Dia*.

Parial Mallet, o autor de *Lar* deixou-nos artigos sablimes n'*A Rua*.

Com tres primores litterarios como estes, é impossivel *O Meio* deixar de ir na... ponta.

Recebemos os *Sanctuarios*, livro de versos do Sr. Moraes Silva.

É dedicado á mulher, e tem versos exlendidos.

Recebemos os seguintes jornaes:
Da Corte: *Gazeta de Noticias, Paiz, Diario de Noticias, Diario do Commercio, Gazeta da Tarde, Gazeta Lusitana, O Raio, O Dia, O Noivadas, O Tymbira e A Estação.*

Da provincia do Rio de Janeiro: *O Amigo dos Pobres.*

Da provincia de S. Paulo: *Gazeta do Povo, A Platea, Correio da Limeira, Gazeta de Mogy-Mirim, Setimo Districto e Conservador.*

De Minas, Geraes: *Gazeta de Juiç de Fóra.*

Agradecemos aos collegas a permuta.

GRANT.



Mario Renard, poeta anonymo, enviou-me uma carta acompanhada de uns versos dedicados a Emilio de Faria.

Estou incumbido de agradecer a amabilidade.

A falta do espaço impediu que a sua produção, ó seu Mario, fosse dada á luz.

Pelo correio recebi um convite para as corridas do Jockey-Club e um outro para o baile do Club do Engenho Velho.

A todos, os agradecimentos de

FLAVENTINO.



Como ellas são

(PERFIS FEMININOS)

III

MARIETA (Conclusão)



— Sabes? — disse Onofre no dia seguinte, ao entrar, — comprei-te o quadro.

Era uma tela de fama que fascinára Marieta pela extrema semelhança comigo de linhas e de carnção.

Parecia-lhe que ella servira de modelo. E veio-lhe o capricho de possuil-a, a necessidade de ouvir elegiar essa pintura em sua casa, no gabinete de seu marido, onde

a nader se patenteava sob véos transparentes e vaporosos, como se fosse ella propria que se mostrasse. Para si, intimamente, essa pintura era o seu retrato, e os elogios que lhe dirigiam eram caricias do vellado que afagavam docemente a sua vaidade, o seu orgulho de belleza typica.

N'essa mesma tarde ficou o quadro em sua moldura doirada, no gabinete de Onofre.

IV

O jantar foi, entretanto, silencioso. Onofre achou a mulher triste, como preocupada, fallando pouco. E julgava dar-lhe alegria, satisfazendo-lhe o capricho do quadro... Perguntou-lhe se tinha alguma cousa.

— Não... nada... respondeu ella vagamente

O silencio continuava. Ouvia-se a voz dos criados na cozinha, o tilintar dos pratos e dos talheres. A' sobrezeza, Marieta disse, como quem se recorda de uma cousa em que estava pensando:

— A! é verdade, esquecia-me dizer-te. Sabes quem esteve cá hoje?

— Quem?

— O Santos, respondeu ella, friamente.

— Veio procurar-te, precisava fallar contigo... Não te encontrando, pouco te demorou, ficou de voltar logo, á noite...

O Santos era um moço de provincia, recommendado ao Onofre. Era um rapaz forte, de hombros largos, de pescoço grosso. Tinha a pelle morena, de um moreno ambarino e levemente azulado na face barbeada. Usava só bigode negro e farto em que a respiração larga sibilava. Os olhos tinham grandes e rasgados, com pupillas negras e brilhantes que olhavam timidamente.

Tinha liberdade na casa mas acanhava-se sempre que se achava em rodas de senhoras. Havia pouco tempo que estava no Rio e o medo secreto de parecer provinciano fazia-o emmudecer, sem tomar grande parte nas conversações, ignorando as predilecções femininas, os assumptos preferidos.

Depois, com D. Marieta o colloquio era mais difficil. Ella tinha um modo especial de fital-o fixamente nos olhos, rindo sempre, mordendo os labios vermelhos com seus dentinhos brancos.

O Santos admirava-a respeitosa e achava-a bonita, muito bonita mesmo, com o seu perfil delicado de santa, um ar de ousadia petulante na pontinha do nariz um pouco arrebitado; a cabelleira abundante e negra tinha á luz ondulações de ebano polido que mais destacavam a brancura immaculada de sua epiderme avelludada e lisa. Era de uma frescura suave a sua pelle cuja transparencia fazia pensar na carne com todas as suas seducções rosadas. O corpo era esbelto e bem torneado. Mesmo no roupão caseiro advinhava-se, sob a alvura da musselina, a linha que partia do hombro, margeando o seio, contornando o quadril n'um traçado vigoroso e forte. Tinha os movimentos elasticos, flexibilidade de serpente e um nadinha de impudor estouvado ao sentar-se, traçando a perna, que muito acanhava o Santos.

V

Já acceso o gaz, estavam ainda á mesa, quando o Santos bateu. Mandaram-n'o entrar sem cerimonia para a sala de jantar.

Tomavam licor em pequeninos calices de crystal em que a luz do gaz scintillava, doirando sobre a toalha os reflexos coloridos.

dos do licôr. O Santos aceitou o calice que lhe offerceram.

Marieta conversava alegremente agora. Reprehendia ao Santos porque não apparecia mais vezes, chamava-o de ingrato...

Elle desculpava-se...

E, teno todos concluido o licôr dos calices, ergueram-se da mesa.

O Santos, então, aproveitou a occasião para fallar com o Sr. Onofre sobre o negocio que o levára de dia.

E, como eram quasi nove horas e ameaçava chuva, levantou-se para se despedir. Marieta voltava do interior da casa.

— Appareça mais vezes, homem, ã noite sempre estamos em casa — dizia Onofre, apertando-lhe a mão.

— Oh! então já vai? .. perguntou-lhe Marieta, admirada.

— Já, sim, d. Marieta, tenho medo da chuva ..

Ella interrompeu-o, olhando pela janella:

— Qual! não chove ..

O Santos insistia: „além de tudo, precisava muito estar na cidade antes das nove horas...”

— Ao menos, continuou Marieta, o senhor que é apreciador, venha ver antes de saber uma novidade que não conhece cá em casa.

O Santos voltou-se interrogativamente para o sr. Onofre; mas Marieta saltou a tempo:

— Não digas nada, Onofre, não digas nada.

Onofre comprehendou que Marieta referia-se á tela que elle comprara n'aquelle dia, e que estava no primeiro andar, em seu gabinete. Como elle não quizesse subir tambem, Marieta seguiu na frente com a vela, acompanhada pelo Santos.

Ella ria-se ás gargalhadas subindo a escada.

O Santos í imaginando alguma caçoadá. Não era a primeira vez que d. Marieta lhe pregava logras para depois rir-se muito do seu desapontamento.

Quando chegaram ao alto ella empurrou a porta do gabinete

O Santos entrevio na parede fronteira a fulguração da luz nos doirados de uma moldura. Depois percebeu a tela em que o verniz novo brilhava sobre uma brancura de carnção feminina que não chegou a ver.

Tinha-se apagado a vela.

— Oh! — exclamou baixo Marieta, — apagou-se a vela! ..

E passou a mão, ás escuras, sobre o hombro do Santos

Elle suppoz que houvesse alguma janella aberta que encanasse o ar pela porta.

A respiração sibilou-lhe mais forte no bigode...

Um pouco agitado com a pressão quente d'aquella miõsinha branca que lhe pousava no hombro, metten a mão no bolso e tirou a caixa de phosphoros.

Depois de accender um, reconheceu que estava tudo fechado.

E, enquanto para disfarçar, olhava para o quadro no vão das duas janellas, estendendo o braço com o phosphoro aceso, Marieta adiantou a vela, cravando-lhe um olhar terrivel, ironico e mordente, e, com gesto de supremo desprezo que vacillava á luz tremula do phosphoro, disse, accendendo a vela e encarándo-o de frente:

— Estupido! ..

ANTONIO ZALUAR.

THEATROS

SANT'ANNA



Na noite de 6 de Agosto representou-se este theatro pela primeira vez a *Cádiz*, producção do escriptor hespanhol Xavier de Burgos, musica de Chueca e Valverde

Encarregou-se de traduzil-a o laureado escriptor Moreira Sampaio que, como sempre, sahio-se admiravelmente, embora para dar uma certa cor local, lançou mão de alguns *brasilisimos* que pouco ou nada embelezam o seu trabalho

Cádiz é um episodio nacional, comico, lyrico-dramatico, para o qual Chueca e Valverde escreveram musica tão bella e graciosa que achanol-a superior á da *Gran-Via* que foi, sem duvida, a capula do edificio da sua notriedade.

Não somos criticos musicaes e ali está a razão porque deixamos ao gosto indigena o apreciar a partitura que cá em casa se reputa alegre, fresca e *muito salerosa* como bella hespanhola que é.

Os entendidos que estabeleçam o paralelo entre Offenback, Lecocq, Audran e Chueca e Valverde.

Ag ra da sua luzia sobre o desempenho. Cabem sem duvida, as honras ao empresario Heller, esse homem infatigavel que não deixa a caixa do theatro, em noite de *première*, senão depois de finalizado o espectáculo; Heller é visto aqui a onsaiar os compareas, alli a marcar a marcha dos soldados, mais além a dar entrada aos artistas, etc., etc

Guilherme de Aguir sempre um bello talento.

Matt's, o nosso sympathico, desempenhou com correção o que coube-lhe e o publico não o deixou, nem o deixará, na canção do cego. *Os bis* succedem-se e passam a *tris*; e se mais houvera lá chegara.

Peixoto sempre estuioso e engraçado! Fez um frade impagavel (sem outro sentido, irmão!)

Lisboa deu-nos um excellento typo de official. Correcto, arrogante, com bella pose marcial e um ar valente, cheirado a polvora; soube ser marquez e militar.

Colás e Mesquita foram bem.

Bianche, Loppicelo, Etevína Lima e Athayde sahiram-se galhardamente; a primeira cantou com arte e a segunda teve graça.

Isabel Porto jurou levar seus collegas no triumpho por intermedio de sua voz que é uma *locomotiva*. O telegrapho no pé de si perde-se no mundo das velocidades.

Ao Vasques, mau grado nosso, só podemos dizer amarguras de critico. Estuioso como é, acostumado a interpretar papeis de genero differente, custa-nos a crer que não soubesse imitar um hespanhol.

E tão infeliz foi na *Cádiz*, que só lhe apanhamos um dito de espirito... o resto é pathagada que agrada a quem tem sempre o riso entre dentes.

Embua, a *Cádiz* é um successo para a companhia do Sr. Heller, que tambem caprichou nos scenarios e vestuarios, apresentando-os com luxo, gosto e ao rigor.

Napoléão das Moças é bella opereta que, levada á scena no mesmo theatro, tem causado immensas gargalhadas e provocado francos applausos pelo desempenho dado por Mattos, que é um marido *hors ligne*, e pelos artistas Bianche, Colás e Mesquita.

Ha dias subiu á scena no Sant'Anna esta opereta *Ali-ka-kau*, taaducção de Moreira Sampaio, musica do F. Bernicat.

Outro successo para o Heller e os seus artistas.

Ali-ka-kau... na ponta!

RECREIO DRAMATICO

As consultas das *Doutoras* impedem que breve tenhamos *La gamine de Paris*, um mimo que o Dia de Braga affaga com carinho e que de certo será outro Potosi.

LUCINDA

Pesa-nos noticiar a sahida da actriz Suzanne de Lys da companhia que trabalha n'este theatro.

Ainda assim, com muita coragem e não menos denodo, a *troupe* vai-se aguentando com a *Fille du Tambour-Major* e outras operetas de valor.

Que sejam felizes.

S. PEDRO

A talentosa actriz Emilia Aboide poz em scena o *Dr. Rametu*, magnifico drama de G. Ohnet, traduzido e adaptado ao theatro pelos distinctos escriptores Valentim e Henrique de Magalhães.

Tanto os autores como a emprezaría foram felizes: os primeiros receberam os maiores elogios da imprensa; a segunda conquistou immensas palmas e mercedos triumphos para a sua companhia que é boa e bem organizada. Medeiros fez a sua estreia no *Dr. Rametu*.

FLORENTINO.

LITTERATURA



Posse absoluta

Comigo vire, dar-me, senho, accoda:

Estou cheio de ti, mulher divina:

Cemo o mar, quando o sol todo o illumina.

Tanto-te em mim, o teu fulgor trambordo.

Estou cheio de ti, como os espaços

Estão cheios de céu de lado a lado.

Como o céu 'stá de nous sem fim conchado,

Soes que eu lançava no chão sob os teus pastos.

Ou sejas flor líria, que odora um edem,
Ou flor, que o tremedal poluto cria,
O que ouço em mim é a creba symphonia,
Hyta de acras desejos, que te podem.

Dou voz aos troncos, amolço a roca;
E não te ha de prender a ti somente
Que das deuses da lyra omnipotente,
Um immortalla o que ama, e quer, e toca?..

Tenho-te: és minha, és minha, ou vira ou morta.
Viva sinto-te em mim, não morta ou fria:
Ter-te assim, ter-te assim, é que eu queria;
Não me importava o que ama, e não me importa.

O' minha estrella, ó minha rica joia,
Brilha lateira dentro de minha alma,
Como o abismo do céu, no mar em calma,
Por que abaixo desce, e nella boia.

Tens em ti, nebulosa, um grande mundo?
Que borboleta mexe em teu casulo?
Alvejo, doiro, accenda, arquesio, azulo,
E encho de aroma o céu, que te abro e atundo?..

Gentil creança, onde a mulher desponta,
Mulher, onde o anjo ao semno a fronte inclina,
Quando a primeira estrovia trina,
E a milima estrella á sombra o olhar concerta,

Primeira fur das bulhas estendidas,
Luz de sol, que não ha, mas vamos tel-o,
Uma isolada margarida pelo
Campo, que encheu-se vai do margaridas...

Que sensação succede, e ergue-te o solo
A' ti, mulher, á ti, creança, para
Quem, (como se a alma toda me entregára),
Nasgo cós deatre em mim, que azulo e aqueilo?...

Ai! quando ella sentir o golpe em cheio...
Quando amar... quando o sol do amor bail-a,
Quando passar do nebulosa á estrella,
Quando e amor não for mais um vago uncoio,

Quando, no ar livre, e á beira do caminho,
Andaz, inda perdin com certo espanto,
Rouxinoliar o seu primeiro canto,
E abrir as asas, e a Biblia do ninho...

E procurar um companheiro, pela
Veiga, no tronco, em pé, na florea rama...
A' quem ella, a tramer, dirá que ama,
E ha de fallar tão baixo, como a estrella?..

Talvez que o ouço tímida e inquieta
Como a canção de um lindo vagabundo,
Mas volte ao quanto ao luminoso mundo,
Da alma estrelada e matinal do poeta.

Botão do rosa, que talvez escondas
Titania ao sol, pura a não ver de fóra,
Saja o que far, és minha: amo-te, e agora
Sou a onda, que o vento enrola á onda.

Tenho-te, és minha, és minha a qualquer hora,
Quando um jarro de água da Hellena,
Verniculada de ouro, a curva plena
Nella a Manhã da luz, que, riudo, chora;

Ou quando a Nuits, como egypcia escrava,
Com um turbante, que encima a lua em meio,
Do leite branco, que lhe calha do seio,
Uma zona da esphera immensa lava;

Vou pensando no fragor de extranhas brisas,
Se outros mundos terão, o que em ti vejo,
E se um rio de Deus valia um teu boijo,
Se algum céu valle o edo do uão que piza.

Canta e sandala á raso, o lilio ao trevo,
Quando o teu doce nome pronuncio,
E através d'elle anda a fulgir um rio,
Rio de ouro de estrella, quando o escrevo.

Quando o escrevo, uma musica sonora
Sabo do unda uena letra, que burilo;
E o divino Poltraca, para ouvil-o,
Fêz do céu a cabeça astral de fóra.

Porque és minha, palacios te daria,
Tirados de pedreira numerosa,
Riscados de ouro em fardo cõr do rosa,
Feitos de grandes blocos de harmonia.

E' com joias de proçr, que os travejo:
E, como os bellas pavilhões chinezes,
Has de ouvil-os teoir, todas as vezes
Que ás torres chegues n'um ligeiro adejo.

Tenho a lampada braxera de Aluzino
Em cada riso que em teus labios ouço,
E nesses mundos chinos de alvarço,
Da luz, que vem do teu olhar divino.

E' de ti mesma que melha alma arranca
O aereo fin dos orbes que levanto:
'Stás sempre nella, rythmo do meu canto,
Branca dousa, que o lilio inda mais branca.

Vem do teu corpo um calidos perfuma,
Alma quente da sombra de tua alma,
E um nimbo á fronte, e ás duas mãos a palma,
Haurco nella a gloria lídal dos numes.

Quando te abraço, um sentimento vago
Me faz crer que ando em veigas deliciosas;
Que os lirus cantam, cantam mais as rosas,
Que os pés me escuta e ri a flor que esmagra.

Quando te beijo... Ah! ao beijar-te cuido
Que por teus labios vda e odo, a róda:
Que o bebo, e os sóes com elle, e o meu ser todo
Se enche de um deus immen-o, immenso e fuido.

E' s minha, és minha: anda minha alma em festa,
Chilrca em mim extranha passarada:
Tu foste a luz lateira de alvarada,
Que arranca á noite o poema da floresta.

O andar, o movimento, o etheres arcaujo
Das pés, que sobem, descom sobre duas
Axas subitas, faz crer-me que fluctua
Entre a Gótiaca e a Biblia, a Gósa e unjo.

Mas... guarda os teus aladoz pés, recolhe:
Basta-me só, que quem te vir, descubra
As perolas do mar na bocca rabra,
As estrellas do céu nos grandes olhos.

E sobre ellos se vêm as duas bellas
Axas presta de um passaro fugido
Em fóra per tua alma em flor, no lido
Rozto apenas fremente as postas dellas.

Sobre o teu solo artado, como as ondas
No alvo, ruzco esplendor das carnes nuas,
De um mar de leite se ergue um jar de laus,
Novas, brancas, não cheias, não redondas.

Basta de erguar os marmores preclaros,
O pé dos greços marmores partidos:
Vêde: os braços da Nils estão mettidos
Nos seus dois braços do meu fino Faros.

Não é preciso ir ver á Italia, a Aurora
Presa n'um bloco branco de Carrara:
Tu mesma és um Miguel Angelo, é rara
Creação, que illustra amando, é o mundo ignora.

Como o lascivo Oc. ano engole os rios,
Como o divino espago engole os mundos,
Teus membros: sobre-os, de mim mesmo laundo-os,
E dos meus bellas versos irradi-os.

Bollos, sim; nadno tu lá dentro, basta;
Prendem o rythmo a ti extranhas elás;
No teu silencio, em tua voz, modelo-os,
Doiro-os do edo, que atraz de ti se arrasta.

Queiras eu não, ou por vontade ou força,
Agora és minha, ou te passo, és minha,
Como é da cepcha a perela marinha,
Como é da salva a fugitiva corça.

Antes que a concha algum do mar recolha,
E a corça atiaque ao golpo que a procura,
Eu guardarei a tua imagem pura,
Como a flor da manhã, em branca folha.

Oh! como és minha! és minha, ou te passo,
Mas grado meu; mas grado aos teus desejos:
Vê se podes sabir do mar de beijos,
Em que contigo agora ando e flucto.

Eu e tu somos uma só creatura;
Dias, que são; repete, emdo, que milto:
Eu te sustento como á estalua o pilate,
Como o equilibrio o véo aos rozes segura.

Nega. Que importa? O' minha imagem cara,
Bebe-te o aroma e a divinal essencia;
Quem te pôde arrancar desta existencia,
Onde cravai-te como joia rara?

Nem Deus. Pôde, n'am impeto de iraço,
Dos olhos arrancar-te o edo e os astros;
Ambos nós dois ha de levar de rastro,
Do moto eterno ao vertice agarrado.

Leva-a. Eu te porci nos pés a grita
Deste universo, que te assoma e lavada,
Levando o peso da immortalidade,
Como tu, o canção do infinito.

Não se darci escoga: ha sempre audazes,
Que o abismo tenta, imaginando um crime:
Sobre montões de zoms o espago opprima;
E' da oppressão que Promethens tu fazes.

O' correcta bellura, aos céos em diujo,
O Deus, que por nos soes mortal cadacia;
Este momento é nosso; aporta, enleia
Minha alma toda, como a hera o freixo.

Alma e corpo á minha alma o corpo entaço-os.
E' a minha: no edo n'um véo branco, a pomba
Sobe; assim soba o sol, que de li tomba
No mar: nos dois oceanos dos meus braços.

Cabirás; e lã de envolver-te o virgem solo,
Flora nova, entros soes pelo horizonte,
E acordarás, sentindo a minha fronte
Deitada entre ellos, calma, e no meu collo!

Abriudo largamente os olhos pretos,
Um pouco á escurido dos grandes olhos,
Ouviudo o mar cantar os meus idillos,
Vendo o sol a accender-se em meus sonetos;

E o barullo dos rios, e o barullo
Das florestas, que tu, olhando, amaras,
Soar-me-ha como as palmas triumphadoras,
Que, por ti só, me hão de chibir de orgulho.

LUIZ DELPINO.

Leucura?

Decerto que deliro!
Decerto que enlouqueço!...
Não me conheço já, nem ei que aspiro,
Sómente sinto e sei quanto padeço.
Ora a vida entrevejo um edo aberto,
Ora um inferno que o horror fulgura!...
Isto é delirio, decerto!
Isto é decerto loucura!

Por vei-a me fatigo
Seu passo perseguindo;
E mal a vejo, outro caminho sigo,
Arrependido de a não ir seguindo!

Seu ar feliz o meu amor tortura!
Quando a vejo sorrir busco magoa-a!
E amo-a, com tanta loucura,
Que ás vezes penso em mata-a!

Se morresse, entretanto,
Eu tambem morreria.

Oh! morreria, sim, que não ha pranto
Para tal dor! Qual outra a igualaria?...
Mas porque fujo, então, porque me ausento
Se lhe diviso o vulto idolatrado,
E soffro a todo momento
Por não a ter ao meu lado?

Quero a ver, quero ouvi-a,
(E' loucura o que pinto?)
Mas eu não posso vel-a nem senti-a
Perto, e, de longe só a vejo e sinto!
Quero-a e desprezo-a; me enraiveço e aneio;
Rio, vendo-a soffrer, não vendo, choro:
E cada vez mais a odeio!
E cada vez mais a adoro!...

E' loucura? é delirio?
Será?... Não comprehendo!

Nem este amor que se tornou martyrio
Sei já se vae viver, se vae morrendo...
E é tão contradictoria, tão escura,
Tão intrincada a minha extranha dor,
Que vivo n'esta tortura
Não sei se d'odio ou d'amor!...

E' d'odio, sim, é d'odio
Immortal e damnado

Que á alma me traz agora este episodio
Preso, como a grilheta ao condemnado.
Odio ás lagrimas todas de seus prantos!
Odio que, ardendo, não consome o ardor!
Odio, odio aos encantos!
Odio de escravo ao senhor!

Decerto que deliro!
Decerto que enlouqueço!...

Não me conheço já, nem sei que aspiro,
Somente sinto e sei quanto padeco.
Ora a vida entrevejo um céu aberto,
Ora um inferno em que o horror fulgura!...
Isto é delirio, decerto!
Isto é decerto loucura!

ANTONIO ZALUAR.



Ecco das praias.

— Isso é uma loucura, meu amigo! Ir
tomar banho, tendo acabado de jantar!...
— Não faz mal. Só comi peixe.

— Então mudou de casa?

— Sim senhor, residio na rua de...

— Que numero?

— Não sei ao certo.

— Como assim?

— E' verdade; todos dizem que é numero 98, mas eu chego á janella, e olhando para baixo, vejo sempre 86, por isso prefiro dizer que não sei ao certo.

— Conhece o afamado X., o melhor pintor de animaes?

— Certamente.

— Pois bem; está pintando o meu retrato... Ha de ser um dos melhores quadros da proxima exposição.

N'um baile de mascaras:
— Dize-me o teu nome, ó lindo dominó?
— Qual?
— O teu nome de baptismo.
— Não tenho.
— Dize-me então o outro.

Na Rua

JORNALISTA. — Viva a republica!
POLICIAL. — Está preso!
JORNALISTA. — Porque, ó Sr. garçon?
POLICIAL. — O senhor gritou na rua:
"Viva a republica!"

JORNALISTA, *inspirado e rindo*. — Viva a ré... das barcas Ferry... que é publica para os transactes, foi o que foi.

POLICIAL, *confuso*. — Está bem, está bem, cheira-me aqui a *colembourg*.

JORNALISTA. — Ah! não, não pretendo *embarrilal-o*.

Lemos tambem um soneto do grande poeta Carlos Collin na *Gazeta da Tarde* de 29 de Julho que entre *varias bellezas de inspiração sublime* — o que é para lastimar — traz um errosinho!

No ultimo verso da segunda quadra lê-se — *Não tem as graças que possui a pura!*

Chi! que pavor!

De certo que o pavorosamente inspirado mancoço, se referia a alguma dama de Hespanha que se chamava *Pura!*

O raio do typographo vai logo pór a *Pura* com p pequeno! Perdoo o illustrado rimador ao typographo, que a critica, Deus e as musas lhe perdoarão a elle!...

"Debaixo do céu aqui, lugar ha para todos". Não se desconsolo. Não? E vá rimando; que vai bem, deixa lá; isto de criticos não valem a sua *paverosa cabelleira!!*

— O senhor faz-me o obsequio de me dar meio kilo de marmelada? * — dizia um litterato muito nosso conhecido, hontem ao caixairo do Paschoal.

— Promptinho, meu caro Sr. F...

— Olhe lá, tem empadinhas de camarão?...

— Pois não, tenho sim senhor!

— Dá-me então em troca da marmelada, duas duzias de empadinhas.

Depois de embulhadas, o nosso poeta — o Sr. F. tambem é poeta nas horas do... somno — pega no embrulhosinho e dispõe-se a *"largar yellas á brisa"* quando o caixairo do Paschoal — o Moreira, senão nos enganamos, — lhe pega na gola do casaco delicadamente já se sabe, dizendolhe:

— O illustre Sr. F... ainda não pagou as empadas, queira desculpar.

— Não? Como? pois eu não lhe dei a marmelada em troca?

— Deu sim Sr. mas o Sr. tambem não pagou a marmelada.

— Mas como havia de pagar uma coisa que não levo??

— Pois sim, mas leva as empadinhas que não paga.

— Homem deixe de me amollar, eu não paguei as ostras visto que dei a marmelada em troca e não pago a dita visto que não a levo.

— E cá commigo é nove, hein?

— !!!...

E lá se foi almoçar para a redacção, empadinhas de camarão!...

Fallavasse em theologia:

— E o verbo fez-se carne, observou alguem.

— Deve ter sido o verbo amar, replicou com a maior seriedade um profano.

Ouvido n'um congresso de atheus:
Um orador sobe á tribuna e começa assim o seu discurso:

— Cidadãos, eu sou atheu, louvando Deus!

Dizia-se d'um agiota muito judeu e avarento:

— E' de tal quilate que se o nomeassem porteiro d'um predio qualquer, em cinco annos tornava-se o proprietario.

No segundo amor busca-se sempre o primeiro, razão porque o segundo amante é sempre o mais amado.

Os homens felizes com mulheres, são sempre os mais desgraçados.

A' cabeceira de um agonizante:
O avó de Calino vai morrer e lamenta deixar a vida. Calino procura consolal-o...
— Vejamos, é preciso ter paciencia. Seu avó morreu, seu pai morreu, seu tio morreu, isto de morrer é hereditario na sua familia!

Nascimento

Consta que brevemente D. Bohemia dary á luz mais um... aborto. Espere-se o nascimento do *Grupo dos Dissidentes da Vida*.

Lili uma menina de 10 annos perguntou ao pae o que é um enfeitado.

— E' um rapaz que não tem paes. — responde este reflectindo.

— Não tem pais? Então morreram?

— Não filha... não morreram!

— Ah! — exclama ella batendo as palmas — já sei é que ainda não nasceram!

A' porta do Londres.
Dois auctores dramaticos em perspectiva. — E se nós fixassemos uma peça intuitivada *A Chuva*.

— Deus nos defenda! Quem a havia de representar?...

O Braga Junior passando, ouvindo e batendo amigavelmente no hombro d'um.

— *Talvez os proprios auctores!*...

Entre moleques.
— E' verdade que teu pai vende café em grão, feito de gesso?
— Oh! que mentira! Não ha tal... os grãos são feitos... só de grêda!

N'um armazem de seccos e molhados.
 — Que é isto que tem a manteiga?
 — Não é nada minha senhora, apenas o pavio d'uma vella!

SATANICO.

TRATOS A BOLA



Recabemos e uma mysteriosa anonyma a presente carta enigmatica, que com prazer inserimos, bem como os logographos abaixo que muito agradecemos.

Pedimos apenas á dama a quem é dirigida, a obsequiosidade de mandar ao *Archivo* a resposta, sim?

Querida 16, 10, 18, 5, 4, 14, 12, 13, 14, 6

A 16, 9, 7, 12, 6 que me enviaste, ainda que um pouco 16, 10, 11, 6, 9, cá a decifrei.

Esperava 11, 14, 16, 13, 16, 3, 6, 5, 4, 14, 12, 18 as 14, 15, 12, 13, 16, 13, 9, 8 me mandaste.

Fiquei muito 12, 7, 8, 3, 13, 4, no saber de 5, 17, 7, 12, 18 da 10, 13, 15, 14, 15, 7; tinha por muita 4, 3, 12, 13, 5, 9.

A 16, 6, 7, 15, 10, 8, 13, 11 está 5, 8, 13, 20, 2, 0 e estamos a banhos em 1h, 6, 3, 16, 11, 4, 3.

Muito 18, 3, 12, 8, 5, 21 em saberá que o 16, 9, 7, 10, 21, 3 vas 16, 9, 8, 11, 6.

Previne a 16, 11, 5, 13, 10, 10, 6 de que tenho em meu poder varias 16, 8, 7, 12, 9, 3 — 8, 5, 2, 7, 2, 3, 9, 3 d'elle.

Não posso ir aos bailes pela 2, 16, 16, 6, 8, 13, 11, 15 d'esse 16, 9, 3, 6, 5, 13, 14, 12, 15, e tem cantella, porque as 12, 13, 3, 13, 16, 9, 3 quasi sempre começam nos bailes.

1, 9 tens par para 3, 4, 8, 3 quadrilhas? Não são muitas?

A minha 12, 13, 6 está cada vez mais velha! está mesmo uma 16, 9, 9, 16, 6, 3, 8, 11! Dá os meus parabens á 16, 11, 5, 13, 10, 19, 6 e ao 16, 11, 7, 10, 2, 8 e diz-lhe que deveras 8, 13, 14, 12, 21 o não poder assistir ao 16, 11, 3, 5, 18, 18, 14, 12, 15.

Dispõe da tua

8, 13, 14, 16, 18, 7, 0 amiga
 4, 19, 13, 3, 6

Logographo

Offerecido a Castro Soromenho, redactor do *Archivo Contemporaneo Illustrado*

Nas manoes agues do rio 9, 5, 7, 12, 6
 Na largo extensaõ do mar, 1, 5, 6, 9, 6, 4, 5,
 Na infinda amplidão do oce 14, 6, 11, 5, 15, 8, 6, 12, 3, 5
 Na branda luz do luar 14, 5, 6, 6, 2, 11
 No vasto reino do fura 10, 12, 5, 7, 2
 Nas producções do pomar 3, 8, 5, 14, 12, 11, 6
 Na pleiade dos poetas
 Nas de tal nome escontrar.

E' vil mercê despezas, 7, 3, 2, 4, 10, 9, 12
 Esta maoheca sujeita, 17, 2, 8, 4, 14, 15, 16, 4, 6, 16
 Pois commetendo tal crime, 5, 17, 8, 1, 3, 11, 16, 13, 4
 Ficou muito satisfeita, 15, 12, 17, 8, 5, 17
 De logographo ac conceito
 Meu caro leitor atenda:
 No tado achará defeito
 Sim Sr., mas não se omenta.

Este genio desenvollo 3, 1, 1, 2, 7, 6, 6, 2, 10, 11
 Causou morte, ou condur: 4, 5, 9, 4, 10, 3, 1, 11
 Agora porém tranquillo, 7, 8, 3, 2, 10, 11
 E' nullo, não tem valor, 6, 1, 1, 9, 10, 11
 Um insigna eharadista
 Natural de terra lura
 Nas producções charadescas
 Este pseudonymo usa.

M. W...

ACTOS E FACTOS

CAPOEIRAS

ATTENTADO CONTRA O NOSSO CHEFE



Já agora podemos, com a precisa calma, analysar e commentar o odioso attentado de que foi victima o redactor-proprietario desta folha. Sobre o acontecimento muitos dias correram: e é com o espirito

perfeitamente tranquillo que vamos escrever sobre elle.

O elemento — capoeira — está por fórma tal arraigado na sociedade fluminense, que além de terem sido, até hoje, de todo impotentes os esforços, varias vezes empregados pela policia para extirpa-lo, — elle chega a apparecer á luz do sol, sem escrupulo, com jactancia.

Um sem numero de moços de fina educação, de familias consideradas, frequentando os melhores salões do Rio de Janeiro, interessam-se pela cabeçada e pela rasteira, privam na maior intimidade com capoeiras, protegem-n'os, dão-lhes a mão á vista de todos.

O governo protege-o em épocas eleitoraes: as urnas são guardadas pelas navallas de capadocios assalariados. Quasi toda a policia secreta é constituída por capoeiras. Esta é a verdade: é preciso confessal-a, embora com vergonha.

Assim tolerados e protegidos, multiplicam-se esses facinorosos de um modo prodigioso. é raro o dia em que a sua perversidade não faz uma victima. Nos quinze ultimos dias decorridos, registrou a imprensa dez casos de morte e ferimentos graves, todos tendo como principal motor o capoeira. Ao mesmo tempo um ed'ral de S. Ex o Sr. Dr. Chefe de Policia da Corte prohibe a os cidadãos o uso de armas: de modo que por mais pacifico que um homem seja, está dia e noite exposto a perder a vida em qualquer esquina, sem ter o direito de repellir com um tiro de revolver um golpe de navalha.

Clamar contra isto é clamar no deserto. Fique apenas aqui declarado, uma vez por todas, que o director do *Archivo Contemporaneo*, anavalhado por um capoeira na noite de 17 para 18, ao sahir do Eldorado, é um homem digno e trabalhador, que por motivo nenhum se tornou merecedor da infame aggressão que soffreu.

E' este o facto, noticiado por todas nas folhas diarias.

Narremos:

Na noite de 17 de Agosto achavam-se no Eldorado em companhia do nosso chefe Castro Soromenho, os Srs. Drs. Luiz Murat Mile, Josephina Ely, artista do mesmo theatro, Dr. Germano Hasslocher, Emilio de Faria, hoje ex-secretario da redacção deste jornal e Alfredo Murat Pilar, primo do segundo, e que nessa noite fora por elle apresentado ao nosso chefe...

A convite do Dr. Luiz Murat, dirigiram-se todos para o restaurant onde ceiam na mais intima cordialidade, depois de terminar o espectáculo.

Ao terminar a ceia, e quando todos se preparavam para sahir, enquanto o Dr. Murat pagava a despeza, notou-se que Alfredo Pilar, que até então não sahira da roda em que se achava, se havia dirigido para um pequeno caramanchão que ha na entrada do Eldorado onde a uma mesa se achavam sentados um individuo de côr branca, trajando calça de brim claro, paletot preto, tendo na boutonniere uma flor e chapéo desabado, e um outro sujeito de côr preta.

Pilar, á meia voz, fallou com elles por espaço de 4 minutos pouco mais ou menos. Ao passar o Sr. Soromenho pelo sitio indicado foi pelo primeiro interpellado nos seguintes termos:

— *Você é o Pardal Mallet, ou o Placido de Abreu, ou o republicano?*

Ao que respondeu o nosso chefe:

— *Não, senhor; eu me chamo Castro Soromenho, aqui e em toda a parte, para qualquer effeito e . passar bem.*

Respondeu-lhe o interpellante com modos bruscos:

— *Pois eu cá sou monarchista.*

Emilio de Faria, que tambem parou á espera de seus amigos, ouviu do preto o seguinte:

— *Eu cá sou monarchista velho e cançado, nhônhô.*

Não dando ouvidos ao que se dizia, sahiram todos do Eldorado com o fim de tomar cada um a direcção de sua residencia.

Chegados ao largo da Lapa, em frente ao antigo hotel Freitas pararam todos, á espera de bunds, quando bem perto do lampeão que está collocado á esquina, assomaram os mesmos individuos já vistos no Eldorado.

Abel (é este o nome do individuo de côr branca) dirigindo-se ao grupo, exclamou:

— *Viva a monarchia! Eu cá sou monarchista!*

O Sr. Soromenho, encarando-o, retorquiu:

— *Pois viva! O que temos nós com isso? É o que é que você quer?*

Diz Abel:

— *Eu? nada; apenas digo que sou monarchista.*

O Sr. Soromenho respondeu:

— *Pois que lhe faça muito bom proveito.*

Isso foi bastante para que Abel sacasse com rapidez do bolso direito da calça

uma navalha de barba com cabo branco e se collocasse no meio do largo.

O Sr. Castro Soromenho immediatamente se preveniu e armado de sua grossa bengala que trazia, tratou de se preparar para sua defeza.

Interferiram Murat e Pilar, chegando mesmo este a dizer:

— *O que é lá isso? Não ha nuvem, nós todos somos aqui amigos e companheiros.*

E assim foram saltando Abel e o negro.

O Sr. Soromenho conservou-se no mesmo lugar, isto é, em plena rua, e disse ao Dr. Murat:

— *Cautela, Murat! Tomem cuidado! Esse homem tem uma navalha na mão!*

Baldado foi o aviso.

O Dr. Luiz Murat, que se blazana de saber jogar habilmente a capoeiragem, não só não se preveniu como não pretendou desarmar Abel. *Prova de que é de coragem!*

O nosso collega, então, enfurecido por um tão estranho procedimento, gritou:

— *Larguem os homens, porque se a questão é commigo deixem-os vir.*

Soltos os capoeiras, elles correram sobre o nosso chefe que se defendeu, a principio a bengaladas e pontapés, sem que da parte de Murat, Germano e Pilar ou Faria houvesse a minima defeza a seu favor.

Como o Sr. Soromenho, não sabe jogar habilmente a capoeiragem, ao terceiro ou quarto salto a navalha de Abel attingia-lhe o pescoço, na direcção da carotida o parte do thorax, produzindo-lhe um golpe de 22 centímetros de comprimento.

Banhado em sangue, o Sr. Soromenho ainda investiu contra o seu aggressor que tratou de fugir em companhia do preto que, durante a luta, tomou a attitudde de fazer negações com um pé que trazia.

O Sr. Soromenho luctava com dois a defendia-se só!

Julgando-se mortalmente ferido, o nosso chefe tomou de assalto um tilbury, sendo repellido pelo cochêiro. Voltando-se o Sr. Soromenho, esbarron com o Dr. Luiz Murat a quem disse em alta voz:

— *Murat, olha como estou ferido; desaffronta-me. Vou já para a Policia.* Vendo o Sr. Soromenho que o sangue gorriz-lhe em abundancia pelo peito voltou a tomar outro tilbury cujo cochêiro de má vontade o recebeu e dirigiu-se á Policia, onde na presença dos Srs. Drs. Bernardino Ferreira da Silva, digno 1º delegado e do Dr. Cunha Pinto apresentou sua queixa: O Dr. Cunha Pinto obsequiosamente acompanhando o ferido que se viu rodeado do Dr. Germano e de Faria, conduzindo em um carro á Santa Casa, onde habil e desveladamente prestaram os primeiros socorros os Drs. Cabral e Goulart (6º annista). Em seguida foi o nosso chefe transportado para sua residencia á rua de Carmo 85, quarto n. 19.

O Dr. Murat desaparecera, não se encontrando entre os companheiros, bem como a actriz do *Eldorado*, tomou o caminho da sua residencia, ao que parece...

Encarregaram-se do seu tratamento os Drs. Carlos Gross e Thomaz Delfino que têm sido sollicitos em cuidados.

A' residencia do Sr. Soromenho correram a visita-o no dia seguinte os seus amigos que são muitos; d'entre elles podemos destacar os Exms. Srs. Barão de Mamanguape, Conde de S. Salvador de Mambani-

nos, Barão de Silveiras, A. de Castro Feijó, enviado expressamente pelo Sr. Conselheiro Nogueira Soares, digno ministro portuguez, Dr. Moraes e Brito, Dr. Thomaz Delfino, Alfredo de Carvalho, Moreira, Francisco Reis (Paiz), Dr. Pedreira, Dr. Fernando Mendes (*Diario do Commercio*), Dr. Luiz Quadros (*Diario de Noticias*), Guimarães Passos, José Elyzio dos Reis, tenente Madureira, Dr. Domingos Maria Gonçalves, Dr. Jansen do Paço, Monteiro, Coelho Netto, Andrade Filho, Dr. Harggreaves (*O Dia*), Paula Ney (*O Meio*), Castro Vianna (*Gazeta de Noticias*), Marcondes (*Novidades*), Dr. Germano Haslocker, Dr. Lopes Trovão, Emmanuel Carneiro, (*O Dia*), Juan Gutiérrez, Decio Freire, Oliveira e Silva e Pedro Rabello (*Diario do Commercio*), Jordão, secretario do Theatro Lucinda, Naylor, Mattos, distincto actor do theatro Sant'Anna, Tallone, Ismael Falcão (*O Ratio*), Dr. Heitor Murat, Pilar, Alberto Santos, Oliveira (Paiz), Henrique da Faria, Pinheiro (*Diario de Noticias*), Dr. Luiz Murat, Antonio Santos, Castro (*Jornal do Commercio*), Rosalino Leão, Plácido de Abren, Medeiros (*Tribuna Liberal*), actor Maia, Antonio Soromenho, (tio do nosso chefe), Emilio Ronêde (*Cidade do Rio*), Augusto de Faria, Euclides Freitas, actor Arcias, Dr. Pardal Mallet (*O Meio*), Braga, Fonseca, genro do falcido Dr. Luiz de Castro, Julio Barjona, Neville, Hastoy (*Gazeta de Noticias*), Rodolpho Ornellas, Dr. Francisco de Paula Marques, B. Leão, Antonio Zaluar, Serpa Junior, Marques da Silva, Mattos e Ernesto Mataldo de Oliveira. Além d'isso foram enviados muitos cartões.

Não podemos deixar passar despercebido os serviços dispensados pelos illustres clinicos Drs. Carlos Gross, Thomaz Delfino, Cabral e Goulart, que foram de tanta amabilidade e extremo desvelo para com o enfermo que não ha expressões do reconhecimento que os recompensem.

Quanto á nossa policia só ha louvores a fazer tal foi a sua actividade na diligencia da captura do principal criminoso.

Os Srs. Drs. Bernardino Ferreira da Silva e Cunha Pinto, além de cavalheiros amáveis e distinctos, são duas auctoridades dignas da admiração popular e merecedores do justo credito que gozam como zelosos cumpridores de seus deveres.

A policia, devido a um raro estratagemma empregado, conseguiu prender Abel Ribeiro Franco, o autor da tentativa de assassinato na pessoa do nosso chefe.

Resta-nos agradecer a imprensa em geral pelas considerações e palavras significativas com que commentaram o facto, tornando-se especial *O Dia* que publicou artigo violento contra os capoeiras.

Ao distincto poeta Olavo Bilac e ao Sr. Julio Barjona, secretario da redacção do *Archivo*, que desinteressadamente se pozeram á cabeceira do enfermo, reconhecidos agradecemos tanta fineza.

Aqui ficam consignadas as expressões do nosso sentir, e a perduravel gratidão do nosso director, cujo estado de saude já entrou em franca convalescença, aguardando elle proprio o restabelecimento com impaciencia para a todos abraçar e agradecer.

O inquerito já foi enviado ao juiz competente.

S Ex. e nobre ministro da justiça mandou pedir copia do inquerito.

Pois bem!

Veremos o que faz a justiça!!!



E' preciso muita cautella com as meias de cores vivas, especialmente as encarnadas e verdes. As tintas de que tomam a cor são muito venenosas.

Ha dias uma senhora nossa conhecida aprou um callosinho, e fez sangue n'um pé, por descuido. Apox o pequeno ferimento, calçou umas meias de seda que tinham a mais linda cor; eram verde-garrafa!

D'ahi a algumas horas foi chamado o medico! A senhora tinha o pé tão inchado e o golpe tão roxo, que esteve mais de um mez de cama e em curativo!

Cautella pois, com as cores vivas em meias caras!

O petroleo como insecticida

Applica-se uma mistura de de 80 grammas de petroleo por cada litro d'agua.

Tinta Carmim

Tinta carmin de boa qualidade. 0,22 gr.
Ammoniac liquido. 65 "
Gomma arabica branca. 1 "

Dissolve-se o carmin no ammoniac e junta-se-lhe a gomma arabica.

Deixa-se a tintura em repouso até completa solução da gomma.

E' muito duradoura esta tinta.

Serve tambem para enganar meninas ingenuas, dizendo-lhes os jovens apaixonados:

« Estas minhas linhas, mirifica Candiha são traçadas com o meu proprio sangue, etc., etc., etc... »

Tinta de anilina inalteravel

Juntam-se a uma mistura de 60 gotas d'acido chloridrico concentrado e 25 grammas de alcool, 4 grammas de negro de anilina, obtendo-se um liquido azul intenso, que se junta a 10 grammas d'agua, contendo em dissolução 6 grammas de gomma arabica.

SATANICO.

Editor responsavel Castro Soromenho